

SUEVIA



REVISTA QUINCENAL
DE LITERATURA Y ARTE



Lienzos y mantelería de hilo y algodón.—Plugasteles, Retortas, Cuties.—Géneros de punto.—Cubre camas.—Juegos de cristianar. Faldones, Blusas, Crepé.—Pañuelos de hilo y algodón.—Visillos, Estores y Cortinones.—Medias y Calcetines.

Confecciones para señoras y niños.—Géneros blancos de hilo y algodón.—Camisería, Colchas, Corbatas.—Bordados, Puntillas, Lonas, Estopas, Piqué.—Equipos de novia.—Tohallas de felpa y adamascadas.—Paños de cocina y Delantales.—Ropa de cama.

MAISON DE BLANC

Huérfanas, 1.—SANTIAGO.

Viuda e Hijos de Gerardo Roa

Fábrica de Lienzos y Mantelerías en PADRÓN PUENTE-CESURES.

HIJOS DE FRANCISCO DEZA

BANQUEROS

VILLAGARCÍA Y SANTIAGO

CASA FUNDADA EN 1850

HORAS DE OFICINA: De 9 a 2 y de 5 a 8.

PLAZA DEL TORAL, 2.

SANTIAGO.

ANUNCIOS

CASA BLANCA

COMPLETO SURTIDO

EN

GÉNEROS BLANCOS

Gerardo Puertas Roa

PREGUNTOIRO, 26.—SANTIAGO.

CAFÉ IMPERIO

Plaza del Instituto

Gran Hotel Suizo

CARDENAL PAYÁ, 18

SANTIAGO

Ksado. — Fotógrafo

Bar-Café CASA LEA

28, Rúa del Villar 28

Comercio de Tejidos y Novedades

ESTEBAN CEINOS

Especialidad en paños para caballero.
Camisas, corbatas, géneros de punto.
Gran novedad en corsés para señora
de las más acreditadas marcas.

Preguntoiro, 36.—SANTIAGO.

CAFÉ CERVANTES

Casas Reales y Algalia de Arriba 1

SANTIAGO

Vicente Martínez Lesta

FERRETERÍA

Casas Reales, 3.—SANTIAGO.

AL BON MARCHÉ

La casa que más barato vende

GALDERERÍA.—SANTIAGO.

GRAN CAFÉ COLON

PLAZA DEL TORAL

VICENTE ROMERO NIMO

RELOJERO EN SANTIAGO

En este establecimiento se halla un completo y variado surtido de relojes de todas clases.

Gran variedad en cadenas, pulseras, sortijas, pendientes, en oro, plata y plaqné; rosarios, sonajeros, imperdibles, clavillos, medallas, gemelos y boquillas de ambar.

Especialidad en composturas y piezas nuevas para toda clase de relojes.

CALDERERÍA NÚM. 23

LA REGIONAL

Automóviles de Santiago a Coruña y viceversa

(SERVICIO DE CORREOS)

Director-propietario D. Antonio Sanjurjo Badía

Salidas de Santiago	Salidas de Coruña
8 mañana. Correo. 12 1/2 idem, id. 5 tarde.	8 mañana. Correo. 12 idem, id. 4 tarde.
Llegada a Coruña	Llegada a Santiago
11 mañana. 3 1/2 tarde. 8 idem.	11 mañana. 3 tarde. 7 idem.

ADMINISTRACIONES

SANTIAGO

Plazuela de las Peñas y Plaza del Toral.—
Teléfonos: 25 y 115.

CORUÑA

Calle Francisco Mariño y Cantón Grande, 13.—
Teléfonos: 122 y 409.

A abonados directos al cuadro de las estaciones telefónicas interurbanas en Santiago y Coruña, con la dirección de AUTOMOVILES REGIONAL.

Esta Empresa ha sido autorizada por la Dirección General de Correos y Telégrafos y la de la Compañía Peninsular de Teléfonos (interurbana) para llevar en todos sus automóviles estaciones telefónicas portátiles, con objeto de comunicarse desde cualquier punto de la carretera con las centrales de Santiago, Ordenes y Coruña, cuando por alguna interrupción lo precisen.

CASA NEW ENGLAND

Camisería - Corbatería

ROPA BLANCA

Confecciones y géneros de punto

TALLER PARA LA CONFECCIÓN
DE CAMISERÍA A MEDIDA

Concesionario de la ropa inferior de lana MEDICAL.

NOVEDADES Y FANTASÍAS

δ. Huérfanas, δ.==SANTIAGO.

“LA INDUSTRIAL GALLEGA”

FÁBRICA DE ASERRAR MADERAS

MUEBLES

Cajas de envases y suelas de madera para zuecos.

COMPRA Y VENTA

DE TODA CLASE DE MADERA

A. MOSQUERA

TENENCIA DE PITELOS — SANTIAGO.

REDACCIÓN: PREGUNTOIRO NÚM. 12

Director: ORTIZ NOVO

Augusto de Castro, un gran escritor de Portugal, la nación hermana tan pródiga en altas mentalidades, ha publicado sus «Impresiones de la guerra» escritas en una prosa atildada y sonora.

La firma del notable literato que en las columnas de *O Seculo*, el simpático y culto diario, uno de los que más circulación alcanzan en la vecina República, ha escrito tan hermosos artículos honra hoy las páginas mozas de SUEVIA que la recoge con devoción.

Facilísimo nos sería traducir esa vibrante y armoniosa plegaria que a continuación ofrecemos a nuestros lectores *A Catedral*.

No lo hacemos. Preferimos dársela en la lengua musical y dúctil de Guerra Junqueiro en que ha sido inspirada, que así la saborearán mejor.

Es una impresión poética, sentimental como una elegía de lo que su alma de artista sintió al contemplar el mutilado cadáver sublime: divino hogar de la Francia religiosa, morada de Dios y de la Belleza, de la Catedral de Reims esa maravilla «abatida e desfeita pela impiedade sen nome da guerra».

IMPRESSOES DA GUERRA

A CATEDRAL.—O cadaver sublime e a alma da França.—O velho relógio do século XIV que recorda.—A evocação gloriosa.—Os reis da França e a grande basílica.—Carlos VII e Joana d'Arc.—A invasão alemã.—O crime dos bárbaros.

Meu Deus, é a Catedral. Deante dos meus olhos, ea navoa d'esse dia de outono, surge a sombra, magnífica e mutilada, da famosa catedral, velha de setecentos anos, erguendo ao ceu o poema gotico e maravilhoso das suas rendas de pedra! Reims repousa ao som dos canhões. Na pequena praça deserta, a estatua de Joana d'Arc defende ainda a entrada da histórica igreja, como uma imagem invencível da França.

Durante momentos, silenciosamente, olho essa gloriosa ascensão para o infinito de que a catedral de Reims é um dos mais belos e ideais símbolos que o pensamento humano immortalizou e esculpiu. Como feridas sangrando, as fendas enormes que a devastação alemã rasgou n'aquela corpo divino, talhado no longo extase de sete séculos, soluçam na humidade da manha.

A minha vista, embevecida e comovida, abrange a soberba fachada, erguida

como uma preces imensa, vibrando nas mil preces das esculturas, dos baixo-relevos, das flechas, das ogivas, das colunas, dos frisos, ajoelhando na mística sumptuosidade do grande portico tocado da graça suprema e alada das iluminuras. Meus olhos, como peregrinos humildes, rastejam o chão, beijam, pedra por pedra, o sonho sublime da estatuaría e da arquitetura que floresce e reza n'essa página crista que a unção do genio religioso de cinco gerações elevou á Beleza e a Deus.

O que resta da admirável catedral de Reims é um cadaver decepado, horrivelmente queimado, devastado pela impiedade sem nome da guerra. Um rictus de sofrimento convulsiona ainda esse espéctro divino erguido ao ceu, como uma imprecação sul lime e desesperada de martirio. As granadas destroçaram-lhe os braços, mutilaram-lhe as fôrmas vitoriosas, que o tempo poupou e engrandece-

ra, a harmonia das suas torres e das suas flechas creadas, esculpidas, modeladas pela fé soberba de quatro gerações de arquitetos e mestres d'obras, desde Joao d'Orlais até Colard de Givry.

Mas—milagre surpreendente da immortalidade!—d'esse cadaver, deformado e supliciado, uma alma se desprende ainda. Essa alma palpita e vibra nas pedras e nas sombras; entoa o hino eterno da Beleza; soluça o grito sagrado da Vingança e da Dor. Essa alma envolve, como um cantico, as coisas mortas e exangues; sobe, como um incenso, do silencio da morte; anima as figuras e as ruinas—vive, resplandece, noiva e chora. O cadaver profanado e glorioso da basilica repousa na luz imensa d'essa alma. O seu clareao deslumbra e ofusca.

E' a alma da França esse clareao divino, feito do esplendor de mil clareaos do passado. Toda a historia magnifica da cathedral, que é quasi toda a historia da fé e do heroismo francezes, vive, como uma visao radiosa, na alma dolorida e imortal da Cathedral.

E quando, deixando a muda contemplação da fachada monumental, entro no templo demolido, sinto que essa alma vibrante do passado grita em cada canto e em cada cruz. Sao os tumulos violados, sob montoes d'entulho, sao os altares destruidos, os pulpitos arrazados, a grande suplica gotica das naves dilacerada—toda a profanação de Deus e da Beleza, na sua inegalavel hediondez. Sem braços, colado a uma columna, um Cristo sofre ainda esa derradeira blasfemia dos homens. Por entre os ultimos estilhaços dos vitraes maravilhosos, a luz, vinda do ceu, desfaz-se em cinza e em pó. E apenas marcando no tempo a gloria do passado e o crime do presente, um relógio enorme do seculo XIV, poupado pelas bombas alemas, conta melancolicamente os minutos. Ele é, entre as coisas mortas o unico, sobrevivente—e a sua voz lenta acusa, implacavel na sombra, como uma sombra viva, a impiedade e o odio dos homens...

No silencio soberbo e tragico da Cathedral, no meio das ruinas, escuto o velho relógio que fala. Ouço o que recorda—testemunha piedosa e fiel de quasi seis seculos de gloria e de dor. Deante d'ele passaram os sumptuosos cortejos, as grandes preces, os grandes dias historicos, os grandes heroes e os grandes senhores da França. A sua voz evoca a tarde magnifica e inquieta em que sobre a cabeça magestosa de Carlos VII o velho arcebispo de Reims colocou, a o som dos grandes hinos religiosos, a coroa refulgente de Carlos Magno. Seus olhos

—os trémulos olhos do relógio, que perscrutam o tempo—viram passar, entre as nuvens do incenso, sob os grandes palios do triunfo, a figura esbelta e virginal de Joana d'Arc, erguendo nas esguias maos invenciveis o estandarte que flutuara ao sol e libertara a França.

A meus ouvidos, na sombra devastada da basilica, o velho relógio recorda ainda. Sao os bispos agora, os reis postrados, na oração e na penitencia, emquanto o cantico dos orgaos resoa nas largas abobodas, sob a luz dos grandes lampadarios, e os bustos dos santos sorriem nos grandes vitraes das naves. Depois, é Carlos X, abençoado ainda, n'uma ultima resurreição das velhas pompas régias—ungido com os santos oleos enviados do ceu para sagrar os principes francezes.

O velho relógio viu tudo: a sua voz, monotona e triste, vibrou nas mil vozes dos crentes e dos guerreiros. Companheiro dos grandes momentos da fé, como dos momentos da dor, ele marcou tambem, na sua palavra monotona e triste, as horas de profanação, quando o vento agreste e impio da Revolução sacudiu, nos altares e nos retabulos, a tranquillidade divina do grande templo, eleito de Deus. Depois, quando a horda germanica invadiu, como um sopro de tempestade, o solo florido e fecundo da Champagne, sob os muros sagrados da basilica os invasores abrigaram os feridos e os agonisantes das batalhas. A morada de Deus e da Beleza, o divino lar da França religiosa, transformou-se em hospital de sangue. O velho relógio ouviu os suspiros da agonia e as confissoes da morte, contando lentamente as horas dos moribundos, como contara as horas da opulencia e da fé.

Uma tarde de setembro, porém, ha tres anos, um grito imenso sacudiu a Cathedral. A primeira granada alema ferira-a em pleno peito. O templo magestoso estremeceu sob o ultrage supremo. O invasor, abandonando a terra que devastara, vingara-se enviando ás paredes gloriosas, que dois seculos nao tinham bastado para construir, o seu odio impotente e implacavel. As primeiras pedras das torres, esculpidas e afeiçoadas pelas maos dos peregrinos artifices, abateram-se desfeitas em poeira, no primeiro clamor da ruina. E, desde entao, dia a dia, o velho relógio assistiu a destruição impiedosa da obra magnifica que o seu coração marcara e amara em centenas de anos, vagarosos e triunfaes. As abobodas, as naves, os capiteis, as columnas, os altares, as estatuas, ruiram. O templo transformou-se em sepulcro da sua propria

beleza. E o velho relogio contou os minutos sem fin da grande derrocada. Emquanto, em torno d'ele, a Catedral, indefeza e sublime, agonisaba, a morte poupa-o—e a sua voz continuava soluçando, arrastada, na sombra, entre a metralha e o estrepito da guerra.

Ao longe, a artilharia alema sacode, como um eco de tempestade, o espaço enovado e triste. Por entre os farrapos da grande nave esburacada um céu baixo e pesado desce, como um docel de nevoas. O vento, fóra, sacode e faz estremecer o cadaver da grande Basilica.

E' esa impressao formidavel, inolvidavel, d'um cadaver mutilado a doloroso, que engrandece, se imaterialisa, quasi se divinisa, a meus olhos. Em torno dos destroços admiraveis o outono desfolha os platanos altos, cobrindo o corpo ferido e gigantesco da Basilica d'um lenzol amarelo e humido de morte. E quando, horas depois, deixo Reims, o espétro sublime, alongando-se na neblina, quasi toca as nuvens, quasi toma todo o horizonte—fórma ideal e luminosa que enche, espiritualiza a distancia e o ar, como uma alma imensa, materialisada, astral, clamando no espaço contra o crime monstruoso dos Assassinos da Beleza, Assassinos de Deus!

AUGUSTO DE CASTRO



PERFUMES ANTIGUOS

I

Con el perfume extraño de tu belleza, incitas a soñar con la gloria de las cosas pasadas; los empolvados rizos de regias favoritas recuerdan tus cabellos con hebras plateadas.

Ví tu grácil figura en esas pastorelas de los descoloridos abanicos de raso que en sus manos exangües tienen nuestras [abuelas, como una evocación que entristece su ocaso.

¡Oh, aquel siglo galante y gentil, que ya solo tiene vida en tus ojos pícaros e infantiles, como los de Rosina burlando a don Bartolo!

Recuerdos melancólicos que trascienden a [besos... Los viejos abanicos de amarillos marfiles tienen sonidos fúnebres como choque de huesos.

II

Habla tu voz de seda y oigo gemir violines preludiando una antigua sonata de Mozart, y tu frente, más blanca que un sueño de jazmines, alzas como la hostia que se va a consagrar.

El trazo imperceptible de tus doradas cejas, tu carita ovalada y tus labios delgados se ven en el esmalte de miniaturas viejas, en lindos rostros célebres por sus dulces pecados.

Tus manos de albos dedos, ideales y finos, manos inverosímiles de virgen italiana, ni aun sostener pudieran el peso de una flor;

son para alzarse al cielo en éxtasis divinos, o enajadas de ociosos anillos de sultana, morir extenuadas en caricias de amor.

III

Si dibujan tus labios su sonrisa maligna y alzas con picardía la falda en los minúes, entonces por tu gracia diabólica, eres digna de tener la corona de Luis XV a tus pies.

Eres tú flor nacida para solios reales; madama Pompadour del jardín español, tendrá tu preferido los más altos rivales, claveles señoriales, reyes de luz de sol.

Yo sé que hay en tu sangre atavismos lejanos de torres de Venecia o palacios germanos; que tu inmortal orgullo tu origen dignifica...

Y al mirarte recuerdo la vieja Marsellesa, y la cabeza trunca de la altiva princesa que enrojeció de orgullo clavada en una pica.

ANTONIO ARISTOV.



DE MI BREVIARIO LÍRICO

MUJER - MUSA

II

Tus manos

Manos marfilinas, trigales, principescas.

Lotos perfumados, jazmines de luz, magnolias olientes y lucientes.

Manos aristocráticas, suaves y monjiles.

«¡Manos diáfanas como la hostia!»

Plácidas manos de princesa, suaves, níveas, ungidas; manos eucarísticas de abadesa; manos nevadas de luna: en ellas las venas azules le trazan a mis besos sendas encantadas y cabalísticas.

Tus senos

Aras triunfales del altar de tu cuerpo glorioso.

Encantadas pomas virginales, milagrosos cisnes de nieve, copones ebúrneos, urnas de albura, búcaros níveos, panales sagrados.

Tus senos, «carne de flores», son los vasos pletóricos en el sagrario de tu pecho: templo angusto de la voluptuosidad.

Tus brazos

Arco triunfal sobre mi cabeza rendida ante el relicario de tu pecho. En tu regazo reclinada.

Graciosas asas del ánfora armoniosa de tu cuerpo insigne.

¡Sean tus brazos ¡oh mujer! collar que aprisionen mi cuerpo esclavo de tu realza, vasallo de tu soberanía!

Tu cabellera

Enumarca tu rostro la mata florida, copiosa y perfumada de tu cabellera —negra como la noche, como el misterio.

Froncosa cabellera de ébano: undívaga y satinada.

¡Tu cabellera es una tiara que ciñe con su majestad tus sienes angustas, tu frente olímpica!

Forja ideal

En la sabia forja de la Poesía ha plasmado el Poeta, ¡oh, mujer-novia!, ¡oh mujer-musa! —con fe, con devoción y con fervores— tu cuerpo bello, florido, palpitante y serpentino de pagana belleza, de olímpica factura.

En la rueca de las Gracias troqueló el Inspirado tu cuerpo venusto, codiciado y precioso; en mármoles pentélicos

labró el Iluminado tu eurítmica escultura victoriosa para que ante ella rindan —ceremoniosamente— sus reverencias: mis deseos, mis afanes, mis ensueños; el tropel saltante de mis ansias y de mis ilusiones; la meshada gentil de mis quimeras, la jauría, ululante y violenta, de mis pasiones...

ORTÍZ NOVO

La Portela, Invierno MCMXVIII.



MINIATURA

Con tu altiva figura de elegancia exquisita y tu pálido rostro de belleza ideal, evocas el recuerdo de alguna duquesita para quien un abate dijera un madrigal,

*

en el cual elogiara tu cabellera blonda, tus ojos soñadores y tus labios en flor; tu suave y enigmática sonrisa de Gioconda y tus mejillas blancas como rosas de amor.

*

Tienes la gentileza y tienes la hermosura de un retrato de Vinci o de una miniatura pintada en un joyero bajo flores de lis.

*

Y si hubieras vivido en el siglo galante de un jardín de Versalles en un rincón fragante quizás te hubiera hablado de amores el rey Luis.

JESÚS ACEDO.



PINTORES D'ALMAS

XAN LUIS

Co sen aire apoucadiño
e feito un malpocadiño,
cal si fose un pecado ter xuventú,
él fixo n'un correndiño
o primeiro milagriño
da milagreira Virxe da Escravitú,

Nas suas obras feiticeiras
hai idilios das pradeiras
e hai lembranzas mimosas dos alalás...
Son troulear das miñeiras,
son garular das pandeiras
cando coas castañas van ó compás.

Dalle ós conxuntos saudade;
dalle á luz a vaguedade
que o paisaxe gallego sabe ofrecer...
dalle ó coor a soavidade
da morna tonalidade
que a nosa terra amostra no atardecer.

As suas mozas anenadas
son com'unhas alboradas
que lle emprestan ás froles luz e color.
Son o encanto das fiadas
e son tan amodosadas
que cantan en sorrisas o seu amor.

Manto de malenconia
cobre amoroso a campia
donde brinca a inocencia de Florisel.
Y-é cousa de meiquería
que haxa quen na mocería
leve a yalma da terra no seu pincel.

A un tempo artista e poeta,
tên a fe do nocoreta
si as nenas de Rosalva vano tentar.
E co fervor d'un asceta
y-o engado da sua paleta
inda lles dá alegría pra rebuldar.

Está no albor da sua idade
y-é o pintor da inxenuidade
que tén na Picariña retrato fiel.
E pinta con tal verdade
que anque empeza a mocidade
xa leva alma da terra no seu pincel.

ELADIO RODRÍGUEZ GONZÁLEZ

La Coruña.



¿COQUETA?

Aquella noche mis ojos se negaban a cerrarse; mi imaginación, bullidora y novelesca, recomponía en la soledad de mi cuarto encantadoras historietas de amoríos de las que fuera yo protagonista, y recordaba tiempos que no debieran pasar nunca y momentos que debieran ser eternos.

Y como comprendía que el reparador sueño no se dignaba, ni mucho menos, cerrar mis rebeldes párpados, me levanté derigiéndome maquinalmente a mi mesa, y tirando con brio de un cajón, lo abrí de golpe.

Aquel cajón guardaba innumerables recuerdos: mis manos toparon con una cinta terminada en elegante borla de oro, que unas diminutas ma-

nos colocaran en mi brazo por los días alegres de las fiestas de Momo; revolviéron febriles los *carnets* de bailes, las postales indicadoras de aventuras risueñas, los grupos fotográficos que os hablan de momentos venturosos, y cartas, muchas cartas, que aún siendo de diversa procedencia glosan un mismo amor, olvidado y marchito.

Y al ver todas estas cosas surgió de nuevo ante mi la imagen de una rubia lindísima, que no hace muchos años perfumó mi vida y me hizo entrever por unos momentos las inefables dulzuras del más puro y sincero de los amores.

Leed su historia, y no afirméis después que la cosa es corriente y el suceso trivial, porque si tal decís me inclino a creer que en vuestro corazón no anidó nunca un desinteresado y sincero amor, que sabe poetizar todo el largo camino de una existencia.

Yo había salido aquella tarde muy temprano, quizá con objeto de conocer mejor la ciudad, que hacía poquísimos días me abriera sus puertas; sus vetustos monumentos me parecieron grandiosos, admirables; y, sin embargo, dejé de contemplarlos en aquella ocasión porque cruzó ante mi vista una mujer que halagaba mi alma y mis sentidos muchísimo más, sin comparación, que aquellos monumentos maravillosos que extasiado contemplaba y de cuya belleza era testigo.

Cafante por la espalda los cabellos rubios como hilos de oro; no podré olvidar nunca aquel óvalo exquisito de la cara ni aquellos ojos grandes, que eran una caricia al reflejarse en los míos, ni aquellos dientes blancos que parecían perlas.

¿Qué si me enamoré...? Creo que sí, por lo menos quedé deslumbrado y no pude sustraerme a la dulcísima tentación que a seguirla me convidaba.

Transcurrió un día, transcurrieron dos, y como en ello no hay nada que pueda extrañar a mis lectores, puedo

decirles (modestia aparte) que durante este breve tiempo fui correspondido cual yo no podía imaginar. Ella me miraba con los mismos transportes e iguales vehemencias con que yo lo hacía. No, no podía esperar más tiempo, y aquel día, me acuerdo bien, uno de los primeros del mes de mayo, cuando la luz del sol iba ocultándose a nuestra vista, envié yo a sus sutiles manos una misiva, portadora fiel de mi ardiente amor.

Lector, renuncio a decirte que en aquella noche me fué muy difícil conciliar el sueño, te lo supondrás. Lo que si debo manifestarte, porque esto si que no te lo supones, es que a la mañana siguiente a aquel día, mañana radiante de felicidad, me entregaba el cartero una carta en cuyo sobre, con letra de mujer, se leía mi nombre. Podía ser de *ella*?, nó ¿cómo había de ser, si la noche anterior recibiera mi carta?

Pues si, era de ella; verdaderamente tenía que admitir que no mentían las múltiples demostraciones de simpatía de que yo era objeto. La carta era lacónica, pero expresiva: tres renglones en los cuales aceptaba mi amor y al pie la firma.

La de veces que leí estas líneas contestación favorable a mis más lisonjeras esperanzas...; en ellas he aspirado el aroma purísimo de un amor sobrehumano.

Pasaron los días; llegó el 20 de mayo fecha memorable en la vida estudiantil; vino el 1.º de junio, no menos memorable en la de los alumnos no oficiales; y por fin después de cumplir como bueno en los exámenes llegóme la hora de retornar a mi hogar.

La primera carta que escribí fué para mi novia. Pero ¡no tuve contestación! Escribí otra y ¡nada! Sin duda se habían extraviado las dos cartas. Escribí por tercera y última vez ¡lo mismo!

Después supe por un amigo que tenía en aquella ciudad, que un urugua-

yo, íntimo amigo de la familia, pasaba largas horas charlando con aquella que tan espontáneamente había correspondido a mi amor.

DAVID PÉREZ DE CASTRO.



DÍSTICO

A mi querido amigo
Manuel Roel, joven poeta
coruñés.

La cuna

De encajes y bordados revestida
y de gasa ligera y sonrosada
es la primera y más feliz morada
que habitamos los hombres en la vida.

La madre que solícita nos cuida
procurando que no nos falte nada,
en la cuna tranquila y reposada,
nos mece, de cariño conmovida.

En la cuna principia nuestra historia;
un angel somos que dejó la gloria
y a engendrar vino el maternal cariño.

Es una cuna emblema de alegría
que llena de divina poesía
la sonrisa dulcísima de un niño.

El ataúd

Forrada de negrísimos crespones
esa tétrica caja de madera
del hombre es la morada postrimera,
en ella tienen fin sus ilusiones.

A la luz de los lúgubres hachones
que iluminan su faz por vez postrera
las facciones del hombre son de cera
tan amarilla como los blandones.

Fin es el ataúd de nuestra vida,
de esta vida tan dulce y tan querida
que hemos de abandonar por triste suerte.

Símbolo el ataúd es de tristeza
que en su fondo sonríe con fiereza
la desdentada boca de la Muerte.

MAXIMIANO VÁZQUEZ

Madrid, Enero 1918.



LA ETERNA HISTORIA

UNA PUEBLERINA

A mis bellas convecinas que suspiran de amor y saudades en el ambiente gris y tedioso de sus violas de abandono y monotonía.

En medio de la balumba de mis recuerdos evocadores y de mis líricas añoranzas, hay uno, representativo, por decirlo así, de vulgaridad y honda psicología, que se ha aposentado con la fuerza de lo vivido, en la cárcel de mi memoria.

Provócalo una joven hermosa de *Villacualquiera*.

Es una encantadora criatura de ojos verdes, penetrantes y reidores, boca irónica y blonda cabellera.

Tiene su talle flexibilidades de bambú; su andar gentileza; su conversación gracia y amenidad. Tiene su catis palideces románticas y orlan sus ojos ténues ojeras.

La educaron con todo refinamiento. Sabe pensar y sabe sentir. Su fantasía la lleva a ensueños de penetrante idealidad. Tal vez en su añorada cabe-cita se desenvuelven alegres fábulas de amor e ilusión. Imaginará, sin duda, ser inspiradora de algún bello cuento de cariño y ventura. Anhelará ser amada por hombres no vulgares ni consumidos por la fiebre de *pequeñas cosas* que domina a sus convecinas las buenas pueblerinas.

Las jóvenes esmeradamente educadas, de fina sensibilidad cuando habitan en populosas urbes o poseen cuantiosas riquezas pueden convertir en risueñas realidades aquellas ilusiones que son patrimonio de su fantasía y de su juventud.

La joven de *Villacualquiera* es pobre y vive en un pueblecillo, casi en una aldea; ni por sus gustos ni por su educación le satisface el trato de las vulgares señoritas pueblerinas ni de los anodinos galanes de villorrio, De ensueños amorosos no hablemos.

Puede imaginarlos; volverlo realidad, no.

Los señoritos de *Villacualquiera* la encuentran superior y huyen de ella llamándola *bachillera* y *romántica*.

Nuestra protagonista, no encuentra entre tanto *cursi*, un hombre capaz de conquistar su corazón.

Este es el drama íntimo, el drama silencioso de *Villacualquiera*: el de todas las mujeres bellas y sensibles que viven en pueblos sórdidos y con espíritu y educación elevada. Triste porvenir el de la juventud de *Villacualquiera*!... Yo evoco la sucesión de sus días futuros, grises, llenos de saudades, plenos de abandono; días de soledad, de tristeza, de cansancio.

Drama vulgar, pero trágico, drama manso pero intenso el de su porvenir; drama de una juventud agotada en la dura faena de esperar lo que jamás llegará; es el drama de los días, de los años que van dejando una huella fría en su almita cándida y buena...

¡Ah, melancólica joven de *Villacualquiera*, prisionera del medio y de los convencionalismos de una sociedad frívola!

Tu recuerdo trae a mi alma un profundo sentimiento de piedad....

¡Sabe Dios, si algún día el relato de tu existencia atormentada, nos servirá a mí o a otro cualquiera, para componer unas páginas vibrantes y encendidas que sirvan de satisfacción a nuestra vanidad de escritores que bebemos ansiosos en las fuentes del ajeno dolor, convirtiéndolo en motivo de aplausos y laureles!

JULIO PÉREZ DE GUERRA.

Chantada, 1918.



MIENTRAS REZA LA INVERNADA...

Yo gusto de meditar en estas tristes tardes neblinosas del invierno

amable, y de engarzar, tedioso y dolorido, el interno rosario de mis pensamientos melancólicos y vagos. Pláceme mucho, mientras reza la invernada, adosarme abacialmente cabe el escaño denegrido, y en un sillón de bien lustrado cuero, antañero y poltrón; y siento entonces, cuando los negros tizones se consumen en lentos espasmos crepitantes, la saudosa nostalgia de un atrayente cuadro típico, cándido y tradicional...

Fué antaño mi galaica chimenea lugareña cobijo y sempiterno mentidero de viejas zurcidoras de semblante avellanado y huesudo, faz brujesca y arreprojos de buhonería... Donde al tenor del amable chisporroteo, se devanaba la recuerdona madeja de consejas y comentarios consabida y se bebían sendos traguejos del vinillo de lo bueno. Donde, al llamear intenso del flamante leño, y a los resplandores sollozantes de la brasa encenizada, semejaban las viejas murciélagos poseídos de felino abuceo, mientras los viejos venerables, que en apartado recoveco cabildeaban por quinquena vez sobre injustos consumos o las *quintas*, evocaban, en nuestra imaginación, las siluetas patronales de aquellos ingenuos patriarcas de la gesta oscurecida y legendaria... Lejos del lar enrojecido, mozos y mozas, bullientes o quedos, ardientes y pícaros, insinuaban el frontis de una tentación...

Y hogaño, solitario, contemplo el panorama letal de mis hurafías impresiones sollozantes, desvaídas... Oscurece. Tras la rústica ventana de vidrios mohosos, ennegrecida por el humo, se adivina borrosa, amodorrada, la cortina romántica de un pueblo gris. De la calleja frontera desempedrada y pina, cubierta de lama, llegan, difusas, dos débiles vocejas infantiles sin osar romper aquella quietud de angustia. El silencio convida a la galbana.

Y es entonces cuando afanosa mi indolencia blanda me sume en un es-

tado somnoliente de acre dejadez, de languidez. Cuando enervado y febrilmente, pausadamente cultivo las quintaesencias de mi jardín interior... Cual pesada, perezosa y dramática cinta cinemática, surgen entonces en mi mente los cachos de corazón, los trozos de almas que constituyen mi cotidiano e íntimo repertorio sentimental...

Unas veces un anra sutil cruza rozando el lar apagado y resbala punzante, sutil y fantástica, con el hábito indeciso de un enigma. Otras, un gato adelgazado y tísico lamenta sus mayidos en un rincón de la asolada chimenea y sus ojos calenturientos brillan con el color fosforescente de la inquietud. Acaso allá, en la penumbra opaca, que el orvallo entelona, suena mimosamente un *Angelus* de devoción llorón y triste, oracional y lento. Sus sonos apagados se desgranaban, entonces, como la letra de un salterio infinito y eternal, que reverberara en el ópalo del cielo.

Y yo me entrego mansamente, a una triste divagación espiritual y melancólica, mientras el sol, mi gran amigo tiene un gesto doloroso de despedida...

ANTÓN LUIS V. DO CAMPO.

Chantada, Enero de 1918.



VIBRACIONES

De-tedio mi alma
se va marchitando
que vive en silencio
de penas glacial,
pues antes tan sólo
vivió sollozando
los tristes recuerdos
de dicha letal.

Tan sólo ha vivido
tan sólo forjando
quimeras sublimes
de fondo fatal,
y ahora, ¡ay, dolor!
se van deshojando

en triste silencio,
quietud sepulcral.

Tan sólo pesares
de púas bravías
vivieron en ella
con rudo dolor,
unidos a sueños
¡locas fantasías!...

Y la sombra augusta
de un vívido amor,
turbaron mi mente
con penas impías
con todo su empuje
con todo su ardor,

RICARDO COSTAS MORENO.

Vigo, 1918.



LA ETERNA ROMANZA

Es el título de una nueva novela del distinguido escritor gallego redactor de «Suevia» D. Jesús Fernández y González.

«La eterna romanza» —lo dice su título— es una novela inédita de amores, y como en todo lo que es eterno, los hechos se repiten como siempre fueron. Hay en la obra escenas de leve poesía, en la que los enamorados se cuentan sus divinos ensueños y locas pasiones desatadas, que llevan desolación y tormento a las almas de los hombres; los celos también asoman en esta novela su cara desabrida y trágica. Pero el encanto de esta obra de Fernández y González no está solamente en el asunto. El verdadero mérito de la novela estriba en el fiel retrato que hace de nuestras costumbres y del lenguaje de las gentes gallegas. Contiene capítulos pintorescos, como el que describe una romería, que están trazados de mano maestra, y eso que el tema ha sido tratado, con más o menos fortuna, por múltiples escritores.

Sorprende en esta novela de Fernández y González el claro concepto que el autor tiene de la realidad. Sus personajes viven y hablan natural-

mente y no son meras fantasías creadas por la imaginación del autor; palpitan y alientan, como si fuesen de carne y hueso, nos conmueven en ocasiones y en todas nos dan la sensación clara y tangible de su palpable realidad; tan humanos son.

Y además de ser tan humanos, son tan gallegos, tan nuestros! Obras como «La eterna romanza» —del ambiente galiciano— unen, a su intrínseco mérito, el de propagar por ajenas tierras, la belleza de la nuestra, y de llevar a otros países un poco de esta *meiga* alma de nuestra Galicia siempre amada.

Para los gallegos, novelas como esta de Fernández y González, tienen el encanto de que, leyéndola, se encontrarán con personajes conocidos, de que en la obra revivirán seres y cosas que formaron el ambiente de su propia vida. Para los extraños les llevará «La eterna romanza» un aroma de cosas desconocidas, el tenue perfume de realidades que parecían legendarias y que aquí se plasman en carne viviente.

No precisa más elogios esta novela de nuestro querido compañero que seguramente se publicará en breve. Su autor, que no es un desconocido en el mercado literario, ha puesto un nuevo broche de oro en su escudo.

Nosotros, que, en esta redacción hemos escuchado su lectura, con religioso silencio, recomendamos a todos que lean, cuando se publique, «La eterna romanza» con lo que soñarán un poco y elevarán un mucho el espíritu, saturado de nobles ideas.

SUEVIA

abrirá en breve un concurso
de cuentos cortos.

Importarán sus premios 50
pesetas (en metálico).

PRA VIVIR BEN DE CASADOS.....

PASATEMPO NUN ACTO ORIXINAL DE

LEANDRO CARRÉ ALVARELLOS

ROQUE.—Penso que pra Reises, ou todo o mais pra a Candelaria, Rosa é mais eu poderemos facer casamento, coa sua licencia e mail-a do señor Chinto.

XILA.—¡Hola! Pol-o que vexo preocupaste seriamente das cousas. Está ben, está ben, xa falarás d' eso con Chinto.

ROQUE.—O meu pensamento era falar co' él, pro díxome Rosa que hoxe non está acó.

XILA.—Non está, non, mas coido que ha vir decontado, e pol-a tardiña estará na casa (*dirixese a lareira ondeponse a atendel-o lume*)

ROSA.—Daquela poderás vir despois.

ROQUE.—E non había, se veño en busca d' aloumiño, eu que decote padezo saudade.

ROSA.—¡Gabanceoso!

XILA.—(É un bon rapáz. ¡Si tivera algúns bás!)

(*ROQUE despídese de ROSA na porta e vaíse*)

ESCENA III

ROSA E XILA

ROSA pilla un cesto con patacas, séntase nun tallo e pouxa o cesto no chan. Quédase cavilosa, co'as mans no regazo, sen dar fala hastra que s'indique. XILA anda atafegada; atende o lume, fai o caldo, etc. De camiño que traballa dalle a lingua sen roparar que ROSA non a escoita.

XILA.—Pois temos que llo dicir a teu pai cando veña... él e claro, penso que hase d'alegrar o mesmo ca min... Agora que, non deixaría de gustarme que tivese algunha cousa, porque pra vivir ben de casados, certo é que o primeiro e quererse, levarse ben, pro unhas vaquiñas na corte non fan mal, jinda que fosen dous cochiños, que sempre dan pra a mantenza d'unha tempada! Pero boeno; bõ é siquera que sexa un bon rapáz, que unha seara ou unha milleira, se vos levades ben e traballades, non ha de faltar quen vol-a dea...

E... endebén que osteus pais non ch'an deixar íres co'as mans baleiras, que ao cabo, como filla nosa que és non imos consentir que pases fame...

¿E ti sabes se o prado do Louzán quedoulle a él?... o que debía facer era collel-a casa de Lourenzo... ¿E verdá, él díxoche algo da casa?...

¿Pro ti non dás unha fala!... ¿En qué pensas?

ROSA.—(*Acordando*) ¿Qué?

XILA.—Muller, estou fala que fala, e ao cabo resulta qu'estou falando sola coma s'estivera doida.

ROSA.—Afobé que non a oía.

XILA.—Xa o vin. ¡Mala cousa fixo Roque en vir tan cedo co'esa encomenda! Estou vendo que aínda vas facer algunha falcatruada. ¿Abrichelle às galiñas?

ROSA.—(*Erguendose de súpeto*) Vou ire a fonte.

XILA.—Vai, muller, vai. Nin te dás conta do que che dígo.

ROSA.—¿Quería algunha cousa?

XILA.—Que lle abral-a porta às galiñas, de camiño que vas.

ROSA.—¡Ay, e mais si, non me deataba!

(*ROSA pilla o cántaro ou sellá e sal pol-o foro*)

ESCENA IV

XILA

XILA.—¡Xesús! que rapaza; hoxe non se lle pode mandar nada.

(*Séntase na beira da lareira; colle o abano, e co'el nas mans e as mans no regazo, ponse a cavilar*)

E... boeno; o mesmo pasoume a min...

¡O que son as cousas! Paréceme qu'inda foi onte cando o pai de Chinto e mail-o meu trataron o noso casamento, e hoxe imos concertal-o da nosa filla...

Tempo, que presa levas; que axiña nos vas facendo vellos a todos...

ESCENA V

XILA, BRAS E CHINTO

BRAS e CHINTO entran pol-o'foro. Venen de zamarra e bufanda ou marta. Sacódense a roupa co'as mans como pra ceibal-a saravía ou as pingas d'auga.

BRAS.—Chove, neva a saravéa; vai un frío que rabea!

XILA.—(*Erguendose*) ¿Quén ven ahí? ¡Ay, alabado sea Dios! home, coidei que xa tiñas esquecido o camiño d'esta casa.

(Continuará)

EL RELOJ DE S. PLÁCIDO

¡Viejo reloj que evoca
una galante conseja,
de amor y de hechicería
del tiempo del rey poeta!
Tenía aquel rey galán
blonda y lacia la melena,
mostacho a la borgoñona
y ojos de ardientes ojeras.
La novicia Margarita
suspira —Hermana Tornera,
¿cuya es esa dulce música
que canta en la callejuela?—
¡Triste es la paz del convento,
en la calle es primavera
y pasa el amor cantando
y están floridas las rejas!

La novicia está embrujada;
anda triste y con ojeras;
la hechizó el rey una noche
de fragancias y de estrellas.
El viejo reloj nos dice
de la galante leyenda,
en que el amor es un brujo
que ha endiablado a una doncella
—¡Magas fueron sus palabras
y sus caricias brujescas,
y hasta la noche tenía
sortilegios de diablesa!—
Ni exorcismos ni hisopazos
sanarán a la posesa,
que cuando el amor embruja
va de veras, va de veras...

Muerta la vió entre los cirios,
la vió, y ¡nunca así la viera!
¡Lirios eran sus mejillas
y sus manos azucenas!
Lentos latines litúrgicos
zumbaban como colmena;
un crucifijo tenía
entre sus manos de cera.
Mucho lloró el rey galán,
llorando fué hasta la huesa,
no fué más poeta, nunca,
que llorando el rey poeta.
Y dió al convento en memoria
el reloj de la conseja,
un reloj que dobla a muerto
todas las horas que suena.

La luna mira la hora
en la envejecida esfera.
—¿Qué miras triste madrina?
¡Es la hora de la leyenda!
Giran buhos pensativos
y sabedoras cornejas;
aulla un can lúgubrememente
y se santignan las dueñas.
Blanca luna que te asomas,
con tu cara de clownesa;

pájaros de hechicería
que en torno a la torre vuelan,
¿queréis saber qué hora marca
en la polvorienta esfera
de San Plácido? ¡Es la hora
inmortal de la leyenda!

EMILIO CARRERE.



TIRANDO AL BLANCO

Julio Camba, el gran humorista gallego, hablando en *El Sol* de los zeppelines, dice que en Londres el espectáculo no resulta allí nada entretenido.

En cuanto a Francia, «sólo en el elemento femenino se produce un ligero escalofrío, pero ¡tan ligero!... Era mejor Luna Park con sus toboganes y sus *water-chuts* y sus montañas rusas. Allí las muchachas podían dar gritos, sufrir crisis nerviosas y hasta desmayarse en brazos de sus acompañantes. ¡Y todo por un franco de entrada!... ¡El *frisson*, el entretenimiento de pánico, estaba entonces mucho mejor organizado que ahora!; pero ¡qué se le va a hacer! Es la guerra...»



Esto es a lo que se reduce, según este y otros escritores más «serios» la eterna *zeppelinada*.



Lamentable en extremo resultó la conferencia que el Sr. Barcia Caballero ha dado en la Coruña sobre el Regionalismo.

Atacó al Regionalismo actual tildándolo de separatista y antipatriótico, y aconsejó no consentir de ningún modo influencia extraña. Alude evidentemente a los catalanes, que ayudan en su santa cruzada a los regionalistas gallegos. El Sr. Barcia Caballero que se llama patriota y antiseparatista, considera extraña la influencia que los catalanes puedan ejercer en Galicia, ¡y les llamó hermanos en-el

prólogo que puso a la famosa obra de Brañas!

Dijo también que Brañas defendía un regionalismo, sin plataforma electoral, y Brañas llamaba al Regionalismo partido político-social, y consideraba como un deber luchar contra el caciquismo y los Diputados cuneros.

También habló de la actual juventud en términos injustos. La actual juventud señor Barcia, llena de entusiasmo y abnegación, defiende un Regionalismo que tiende principalmente a libertar al labriego de la esclavitud en que vive, y esto es más santo y más noble, que el ridículo, infecundo Regionalismo que Vd. predica.

Sentimos no disponer de más tiempo y espacio para completar estas líneas escritas al vuelo, y con el único objeto de que el lector sepa de que parte está la justicia y el patriotismo.



NOTICIAS

A la lista de *Corresponsales de SUEVIA* en Galicia, publicada en el último número, tenemos que añadir los siguientes nombres:

Don Luis Bazarra, gran periodista y culto militar, en Pontevedra; don Carlos Díaz y Lozano, ilustrado maestro nacional, en Puentes de García Rodríguez; D. Alfonso Rodríguez Veiras, joven y distinguido literato, en Orense, y D. Victoriano Taibo, prestigioso poeta, en Ortigueira, sustituyendo al Sr. Mosquera Caramelo, que lo vino desempeñando hasta aquí.



Recibimos un atento oficio del Circulo Mercantil en el cual se nos comunica que se nombró nueva Junta Directiva ocupando la presidencia don Avelino Cimadevila Rey.



Hemos asistido, atentamente invitados, a las representaciones del drama gallego *O Fidalgo*, en el que se ha mostrado como distinguido literato el señor San Luis.

Consiguió que las dos noches que se puso en escena fuesen otros tantos triunfos.

Felicitamos sinceramente al autor, a quien se conoce ya con el nombre de zapatero-poeta. Y así mismo felicitamos muy de veras a nuestro redactor-artístico Juan Luís, que tan bien supo pintar las decoraciones que contribuyeron a realzar la obra.



Púsose también en escena en el Principal, *O Rey d'a Carballeira*, drama original del Sr. Frade Giráldez.

Fué muy aplaudido.



Agradecemos al Sr. Director de la Escuela de Veterinaria D. Tomás Rodríguez González, el atento B. L. M. que nos dirigió ofreciéndonos el cargo del cual se posesionó recientemente.



BIBLIOGRAFIA

(En esta sección de SUEVIA daremos cuenta de los libros cuyos autores nos envíen un ejemplar).

Hemos recibido «La verdadera cuna de Colón», por D. Constantino Horta.

Los trabajos literarios deben ser enviados al Director de SUEVIA.

La correspondencia administrativa al Administrador.

La Dirección no devuelve los originales.

Los señores anunciantes recibirán gratis la Revista.

Las suscripciones se cobrarán por trimestre.

Precio del número 0'15 ptas.

Redacción y Administración, Purguntoiro, 12. Santiago.

CORRESPONDENCIA DE "SUEVIA,,

B. Q.—Santiago. (*¡Ay miña campana!*—Cuartetos).

He aquí el primero:

«Campana bella, campana choca
c'afnda voltexas n'ou meu lugar,
canto te quero, canto te amo
¡ay campaniña que vou chorar!»

¿Va usted a llorar? Espere un momento que queremos consolarlo. Sus cuartetos son muy malos y van al cesto de los originales inadmisibles... pero consuélese porque no van solos sino acompañados de algunos otros que nos mandan, no tan malos como los suyos, sin embargo, se atreve usted a decir que «la bella (?) campana está choca». ¡Lo que está choca es su cabeza!

S. L.—Vigo. (*La suerte.*—Soneto). Pésimo.

M. V.—Madrid. (*Distico.*—Sonetos).

Muy hermosos sus dos sonetos, muy bien medidos, muy sonoros.

Dice usted en la carta que acompaña: «...me atrevo a enviarle los dos adjuntos sonetos por si los cree merecedores de publicarse en la Revista que con tanto acierto dirige. Sin embargo, más que en la bondad de mis versos —que no es ninguna, confío en la de usted— que es mucha».

¡Y sino que lo digan los señores que le preceden.
A. L. M.—Chantada. (*Mientras reza la invernada*).

Se publicará. ¡Mucho cuidado con los neologismos!

J. A. P.—Santiago. (*Noite de luar.*—Poesía gallega). Nada más que mediana. La publicaremos con algunas correcciones y mutilaciones.

M. A. L.—Santiago. (*Lily tuvo miedo...*)
Es un bello relato. Refrene usted su imaginación.

S. T.—Orense. (*Ella.*—Poesía).

Muchas gracias por los elogios que en la carta que adjunta con su poesía nos dedica. Agradecidos a sus encomios y piropos pero sentimos mucho —créanoslo usted— tener que participarle que su composición está detestablemente hecha y no podemos, en modo alguno, admitírsela.

Le admitimos en cambio (para agradecerseles) parte de los elogios, que no son sino verdades como templos, v. gr. al decir usted: «SUEVIA triunfará. Ustedes, los que forman su Redacción son muchachos animosos que tienen por norte la Estética y la Belleza y hacen de la Justicia un dogma».

Si, señor: ni menos, ni más. Y por ello rechazamos —¡aún amparadas en elogios y loas!— sus cuartillas insípidas, hueras...

En cambio publicamos parte de su epístola.

R. C. M.—Vigo. (*Vibraciones.*—Sonetos).

Aceptados.

O. N.

SANTIAGO: TIPOGRAFÍA DE "EL ECO"

ASTILLERO SUSUELA

DE

D. GABINO CRUSAT BARNET

La dirección del Astillero está a cargo del joven maestro **D. José Saavedra**, el cual ha realizado sus estudios en el extranjero.

El próximo mes de Mayo se verificará la botadura de un magnífico BALANDRO de 200 toneladas, construido en este Astillero.

Quien desee adquirirlo puede pedir informes a

D. GABINO CRUSAT BARNET
EN PALMEIRA.

LIBRERÍAS PORTO

Cervantes, 13.

Rua Villar, 16.

SANTIAGO

GRAN CAFÉ SUIZO

FUNDADO EN 1862

Rua Nueva, 18.--Santiago.

GRAN CAFÉ ESPAÑOL

HUÉRFANAS, 15.

SANTIAGO

La Armería y Taller Mecánico de

AREOSA

Se trasladó para la Fajera de Afuera,
al local del antiguo Salón Pinacho.

GARAGE ECONÓMICO

CENTRO DE LA MODA

DE

JUAN TOURIÑO

Rua Nueva, 3.-- Santiago.

COMERCIO DE ULTRAMARINOS

DE

JAIME ROUCO VILLAR

Rua Villar, 75. -- Santiago.

Relojería Americana

MATERIAL ELÉCTRICO

RELOJES DE TODAS CLASES

ÓPTICA Y BISUTERÍA

Gran surtido de Lámparas OSRAM

SERGIO GONZÁLEZ

Huérfanas, 30.--Santiago.

Sastrería de Eduardo Fernández

Platerías, 4. - Gelmirez, 1.

LA CONFIANZA

Almacén de Curticos y Calzados de todas clases

FRANCISCO RODRÍGUEZ COSTA

CALDERERÍA, 9.—SANTIAGO.

HOTEL FRANCIA

EN SANTIAGO DE COMPOSTELA

SENRA NÚM. 1

ANDRES BREA Y BREA

Esta acreditada casa situada en lo más céntrico de la población con amplias y ventiladas habitaciones con todos los adelantos modernos y mobiliario nuevo. El propietario de este Hotel ofrece a su numerosa clientela un esmerado servicio y para ello cuenta con una excelente cocinera a la española y francesa. Esta casa está situada en los altos de la Administración automóviles «El Noroeste» a Coaña y Vimianzo.

NOTA.—Un empleado de la casa estará a la llegada de trenes y automóviles a quien los señores viajeros pueden confiarle sus equipajes.

ANUNCIOS

TINTORERÍA "ESPAÑA"

TALLERES AL VAPOR

DE

ANTONIO PÉREZ GANTES

Limpieza a seco.—Teñidos en todos los colores.—Negro especial para lutos en 24 horas y quita-manchas en toda clase de prendas.

VERDADERA PRONTITUD, ESmero Y ECONOMÍA
EN TODOS LOS TRABAJOS.

Despacho: Plazuela Feijóo, 3. Talleres: San Roque, 24.
SANTIAGO.

CASA PORTO

CERVANTES, 14.--SANTIAGO.

Ornamentos de Iglesia.

Ropa Talar.

Imágenes • Metales

COLEGIO DE S. BUENAVENTURA

PRIMERA Y SEGUNDA ENSEÑANZA

PREPARATORIO DE FACULTADES

Director: D. DANIEL RIOS NOYA

RUA NUEVA, 28.--SANTIAGO.--TELÉFONO, 140.

ALUMNOS INTERNOS Y EXTERNOS

PÍDANSE REGLAMENTOS AL DIRECTOR.

RUA NUEVA, 28.--SANTIAGO.--TELÉFONO, 140.

Ultramarinos y Bar de Manuel Viduido

"LA VIÑA"

ULTRAMARINOS Y BAR

DE

JUAN MONTES

RUA VILLAR, 5.

COLCHONERIA Y BAZAR

DE

ELOY ARTIME

Calderería, 37, 39 y 41

Cochones de lana y corcho desde
12 pesetas.

GRANDES EXCLUSIVAS DE
I. FRAGA
PARA EXHIBIR EN GALICIA Y ASTURIAS

IMACISTE ALPINO!

SENSACIONAL

JUGAR CON FUEGO

VERA LA HECHICERA

LA FUNCIÓN DE GALA DE BÚFALO

ULTUS

8 EPISODIOS

LA MORSA

FLECHA DE ORO

PRESAGIO

AMICA

Y OTRAS